

### MODERNIDADES, IDENTIDADES E GÊNEROS

Chegamos ao oitavo número da **Revista Docomomo Brasil** (ISSN 2594-8601). A presente edição é constituída pelas seções **dossiê** e **artigo/projeto**, organizadas com base em um único eixo central: a problematização da tríade **modernidades, identidades e gêneros**.

Na seção **Dossiê** encontram-se reunidos seis artigos centrados na contribuição de profissionais e no entendimento das vivências de identidades silenciad@s pela historiografia da modernidade arquitetônica no Brasil. Também são apresentados ensaios que investigam a demarcação de territórios – de aceitação ou exclusão – de certos grupos em relação a trajetórias profissionais e projetos e obras de edificações, sítios e unidades de vizinhanças concebidos sob a égide da modernidade. Por fim, a seção reúne artigos alinhados à chamada, que acolhia estudos centrados na identificação, documentação e conservação de ações empreendidas por e para povos indígenas, negros e negras, outras identidades étnicas e raciais, mulheres e pela comunidade LGBTQIA+ em defesa da representatividade, da cidadania plena, da inclusão, da equidade e justiça socioespacial – pautas que deveriam estar presentes no horizonte de ação de tod@s profissionais alinhados com as premissas de revisão da historiografia do Movimento Moderno.

**Atuação das mulheres negras na arquitetura moderna do século 20:** estudo de obras brasileiras de Georgia Louise Harris Brown abre a presente edição da revista DOCOMOMO Brasil. O artigo de Eloah Rosa e Ruth Verde Zein assinala o legado de um certo viés da produção arquitetônica moderna no ensino e na prática profissional contemporânea, quase sempre pautado pela ausência de exemplos significativos realizados por autores e autoras pertencentes às minorias sociais.

Deste modo, o ensaio busca colaborar para o reconhecimento e estudo de obras realizadas por alguns desses profissionais invisibilizados pela historiografia corrente e por aquela produzida no século passado, enfatizando a atuação de mulheres arquitetas, e mais especialmente, a contribuição das mulheres arquitetas negras que atuaram no Brasil do século 20, a exemplo da norte-americana Georgia Louise Harris Brown.

**Permanência de Exclusão:** o “quartinho” de empregada na modernização arquitetônica de Belém, de Izabelle Karoline Machado Lima e Celma Chaves, coloca em discussão o surgimento e a permanência do quarto de empregada nas casas brasileiras, tendo como base conceitual a perspectiva gramsciana de hegemonia que revela a naturalização de comportamentos sociais em prol das classes dominantes.

No contexto de modernização da cidade de Belém, Lima e Chaves problematizam a forte demanda de mão de obra para tarefas domésticas e a recorrência do quarto de empregada nas residências analisadas, bem como a adaptação deste ambiente a novos modos de vida, a exemplo da moradia em altura. O ensaio aponta que, a despeito dessas adaptações, a arquitetura continuou a delimitar o lugar da mulher negra e pobre nos lares brasileiros. E que é urgente aprofundar o entendimento sobre o racismo estrutural nas discussões em arquitetura, para que sejam elaboradas narrativas contra hegemônicas.

O ensaio **Trabalho, crença e festa:** arquitetura moderna e cultura popular no Maranhão (1960-1980), de José Antônio Viana Lopes e Paulo Sá Vale, busca entender as bases da arquitetura moderna maranhense por meio da

abordagem de um tema caro à arquitetura brasileira, a integração das artes. Para tal propósito, o estudo analisa os murais, painéis e esculturas presentes nos edifícios construídos nas décadas de 1960 a 1980 em São Luís.

Em um primeiro momento, são catalogados exemplos significativos desta associação entre arquitetos e artistas, em esforço de integração ou síntese. Com base nesta pesquisa, os autores apresentam as trajetórias do arquiteto Cleon Furtado (1929) e do artista plástico Antônio Almeida (1922 - 2009), pioneiros da modernidade local e responsáveis, a partir do encontro e troca de experiências, pela integração das artes na arquitetura moderna maranhense.

**Caminhos cruzados:** Maria do Carmo Schwab e a rede de relações feminina em sua trajetória, de Júlia Pela Meneghel, problematiza o sombreamento da presença feminina na historiografia da arquitetura moderna brasileira, cuja narrativa hegemônica concedeu destaque a determinados nomes e obras. Tal opção acabou por ocultar a participação das mulheres, não apenas na esfera individual, como também a partir de um conjunto de experiências, nas quais a rede de relações interpessoais deve ser considerada.

Em tal enfoque, a autora analisa as interlocuções entre a arquiteta capixaba Maria do Carmo Schwab, objeto central da discussão, e três outras mulheres que cruzam seu caminho profissional e acadêmico – Giuseppina Pirro, Carmen Portinho e Lygia Fernandes. O reconhecimento de paralelos entre trajetórias indica vinculações e, mais especialmente, aponta a versatilidade e a amplitude destas atuações em um contexto desfavorável para a afirmação feminina no ambiente de trabalho.

**Rosa Kliass**, assinado por Aline Sanches Coelho, Amanda Saba Ruggiero e Luciana Bongiovani Martins Schenk, presta homenagem a uma referência inconteste da modernidade brasileira, entendida em suas múltiplas acepções. Submetido mediante convite, o artigo desdobra questões apresentadas no VI Seminário Docomomo São Paulo, realizado em 2018 no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU/USP).

As autoras assinalam a contribuição de Kliass para a organização e regulamentação da arquitetura paisagística, sendo neste particular exemplar o empenho concedido para a criação da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (ABAP). O texto também destaca seu compromisso ético e sua atuação no ensino, na pesquisa, e mais particularmente, na ação projetual, enfatizando a integração de saberes sobre paisagem e meio ambiente, em diferentes escalas de projeto.

**O pensamento de Carmen Portinho e a habitação popular**, de Ana Paula Polizzo e Luisa Serran Veloso de Castro, busca lançar um olhar renovado ao pensamento da engenheira e urbanista e seu trabalho no Departamento de Habitação Popular (DHP). Para tanto, são analisados artigos de Portinho publicados em 1946 no jornal **Correio da Manhã**, trazendo para a discussão o feminismo, o trabalho reprodutivo e os pensamentos arquitetônicos e urbanísticos da época.

O ensaio, que fecha a seção **Dossiê**, tem por objetivo investigar o rebatimento dos ideais feministas de Portinho nas soluções de projetos, tendo como foco o uso dos corpos femininos nos conjuntos residenciais projetados pelo DHP. Além disso, Polizzo identifica de que modo as mulheres moradoras eram vistas e compreendidas na relação com os conjuntos

projetados. Por fim, o artigo discute os diferentes papéis realizados por mulheres nos conjuntos: o da urbanista, o das moradoras e o das assistentes sociais.

Na seção **Artigo/Projeto** são veiculados três ensaios que contribuem para a reflexão sobre os paradoxos da modernidade, no Brasil e no exterior, reconhecendo-se o valor das ações de documentação e conservação do patrimônio. Nesta seção também são discutidos os processos de construção historiográfica, levando-se em conta suas dimensões materiais, históricas, simbólicas e técnicas, sendo igualmente relevante a análise do envolvimento e participação dos diversos atores sociais nos processos de difusão de conhecimentos.

**Patrimônio moderno e gênero**, de Carolina Quiroga, abre a seção **Artigo/Projeto** e investiga a contribuição das arquitetas Delfina Gálvez Bunge, Carmen Córdova e Elena Acquarone para a constituição do patrimônio moderno na Argentina. Submetido mediante convite, o artigo amplia o entendimento acerca dos processos que, para além das nossas fronteiras, caracterizam o ambiente acadêmico e profissional da arquitetura como uma disciplina masculina.

Ao invés de situá-las como heroínas, reiterando os discursos consagrados, o ensaio instiga o leitor a ponderar sobre a perspectiva de gênero como um tema capaz de recuperar figuras, produções e territórios escondidos pelos discursos hegemônicos, especialmente na porção geográfica identificada sob a alcunha de “América Latina”. Deste modo, Quiroga nos convoca a esquadrihar cartografias mais inclusivas do patrimônio moderno - tarefa que, acertadamente, tem motivado a realização de investigações nos mais diversos quadrantes.

**Tania Horta e o Centro de Atividades do SESI, Crato-CE, Brasil**: gênero e lugar na historiografia da arquitetura moderna brasileira, de Hévila Rayara Cruz Ribeiro, Wynna Vidal e Adriana Leal, discute a invisibilidade das mulheres nas narrativas consagradas, tendo como objeto de reflexão a trajetória da arquiteta caroca Tânia Horta e mais, particularmente, o estudo de sua obra mais emblemática: o Centro de Atividades do SESI na cidade cearense do Crato.

Deste modo, Ribeiro, Vidal e Leal propõem uma perspectiva de dupla análise, a de gênero e a de território, no caso a produção moderna no sertão nordestino. Considerando tratar-se de realização pontual, o ensaio assinala, com base em depoimentos e na análise da documentação disponível sobre o projeto e sobre a arquiteta, a necessidade de se olhar para além das margens, de tal modo a ampliar os estreitos limites da nossa historiografia hegemônica.

**Crônicas e anúncios**: revelações da mulher moderna na cidade e na casa, de Sabrina Studart Fontenele Costa, fecha a presente edição da Revista DOCOMOMO Brasil. O ensaio, submetido mediante convite, apresenta uma instigante reflexão sobre os espaços domésticos e públicos, vistos em crônicas e anúncios do jornal **O Estado de São Paulo** entre as décadas de 1930 e 1960 e a partir da análise de textos literários e estudos que discutem a presença feminina e a domesticidade no Centro de São Paulo.

No material analisado, Fontenele problematiza a rotinização da modernidade, discutindo-se o papel aferido para a “mulher moderna” neste processo. Apesar de circular com maior liberdade pelo centro da metrópole, usufruindo dos novos programas e espaços da metrópole, a

## EDITORIAL

autora assinala que a proposição de novos parâmetros de vida, postos pela modernidade, não atinge o ambiente doméstico paulistano, mantendo as mulheres quase sempre atreladas ao papel de gestoras das rotinas domésticas e das obrigações familiares.

Para não encerrar a discussão, que certamente merece ser desdobrada em outras edições da **Revista DOCOMOMO Brasil**, aproveitamos a oportunidade para reiterar nosso compromisso com a difusão de contribuições silenciadas pela historiografia consagrada. Esperamos que a leitura dos artigos possa ensejar a produção de novos estudos sobre a tríade **modernidades, identidades e gêneros**, contribuindo de modo inequívoco para a construção de um novo olhar sobre a produção moderna brasileira.

Viva a diversidade!

**Helio Herbst** | (PROARQ UFRJ - UFRRJ)

**Marta Silveira Peixoto** | (PROPAR UFRGS)

**Ricardo Alexandre Paiva** | (PPGAU+D UFC)